

Quando a sarça arde, uma onda de liberdade passa pela igreja; os corações são libertos e as almas são salvas. A presença do Espírito Santo entre o povo salvo é garantia de que a sarça arde e não se consome e, ao mesmo tempo, obriga os homens a olharem para o fogo, e testifica-se que ali há vida. Quando a sarça arde, quando a vida passa pelas veias e pelos membros da igreja, então Deus pode falar e ser ouvido; e quando Deus é ouvido, alguma coisa acontece. A igreja deve ser uma sarça ardente se quiser atrair pecadores para Jesus



Se alguém perguntasse a Moisés qual a sua experiência e qual fora a comoção que sentira ao ver a sarça arder sem se consumir, por certo uma torrente de testemunhos brotaria de seus lábios e uma série de experiências sobrenaturais seriam descritas em termos vivos e convincentes, de tal modo, que todos reconheceriam ter tido tal homem um encontro com Deus.

O fogo de Deus sempre teve uma atração irresistível: desperta, arde, ilumina, porém não consome o que é bom - somente destrói o pecado. No meio da sarça ardente apareceu um anjo, e isso significa que quando a sarça arde na igreja, um anjo do Senhor está entre o povo, e o Espírito Santo é uma realidade agitando as águas, despertando os sonolentos e atraindo as multidões para Jesus. Perigoso é quando a sarça arde e se reduz a cinzas, isto acontece na igreja quando a sabedoria humana toma o lugar do

Espírito Santo na direção do trabalho do Senhor.

A presença do Espírito Santo entre o povo salvo é garantia de que a sarça arde e não se consome, e, ao mesmo tempo, obriga os homens a olharem para o fogo, e testifica-se que ali há vida; pois foi exatamente isso o que aconteceu com Moisés, quando um arbusto ardia sem se consumir.

Moisés sabia que na sarça havia um fogo diferente do fogo que ele conhecia, e também uma manifestação sobrenatural que a sabedoria do homem não pode igualar. A verdadeira igreja vê na pessoa do Espírito Santo o fogo poderoso que derrete a indiferença, vivifica e dá forças aos fracos: dá sabedoria divina em lugar de retórica humana.

A igreja deve ser uma sarça ardente, se quiser atrair pecadores para Jesus.

Uma igreja que tenha grandioso e formoso templo, mesmo que possua milhares de membros, pregadores eloquentes e vistosas organizações, se não tiver a

presença do Espírito Santo não será uma sarça ardente; pode ser uma sarça, mas sem fogo, sem vida, sem atração, sem poder, sem inspiração - sarça que não honra o nome que tem. Os dons humanos não substituem a ação, a vida e o poder que o Espírito Santo transmite à igreja, diante dos quais todas as qualificações do homem natural são reduzidas a cinzas, ficando somente a graça de Deus iluminando a alma e brilhando na vida.

A capacidade do homem pode

SARÇA ARDE

CÍRCULO
de ORAÇÃO



organizar exércitos e coletar milhões, sem que essas forças comovam uma alma ou convertam um coração. Se esse poder não tiver o fogo vivo na sarça e o Espírito Santo a dirigi-la, será apenas montões de ossos sem o sopro divino, comunidades iguais a muitas que existem por toda a parte, onde aparece tão-somente a sociabilidade fria como a morte, e a instrução indiferente como os montes. Quando a sarça arde, quando a vida passa pelas veias e pelos membros da igreja,

então Deus pode falar e ser ouvido; e quando Deus é ouvido, alguma coisa acontece. Moisés, atraído pelo fogo da sarça, seus ouvidos estavam alerta para a mensagem de Jeová, e ali mesmo o Senhor lhe revelou o plano de libertação do povo de Israel que sofria, escravizado pelos egípcios. - Qual tem sido a nossa atitude para com a sarça ardente? Temos feito como fez Moisés, acercando-se dela, ouvindo a mensagem de Deus enviada do meio do fogo? Seremos

daqueles que fogem quando Deus fala ou quando se manifesta de forma sobrenatural, tornando-nos prisioneiros do formalismo? Quando a sarça arde, uma onda de liberdade passa pela igreja; os corações são libertos, as almas são salvas, os "egípcios" perdem seus escravos, o inferno vê paralisada a imigração para seus domínios, mas Jesus ganha almas, conquista triunfos e os anjos redobram a sua alegria.

Emílio Conde